

## **CHAPEUZINHO VERMELHO: CONTO DE FADAS OU CONTO DE MEDOS?**

### **Edmar Lucas Ferreira**

Mestrando em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL; Especialista em Gestão Escolar – Administração, Orientação e Supervisão pelo Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Monte Serrat – UNIMONTE; Licenciado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Paulista – UNIP; Licenciado em Pedagogia (Séries iniciais e Matérias pedagógicas do Ens. Médio) pelo Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. Coordenador Pedagógico da Rede Municipal Ensino de Mongaguá; Professor do Grupo UNISEPE na FPbe – Faculdade de Peruíbe.  
(professor.lukas@gmail.com)

### **RESUMO**

Os contos de fadas surgiram no século XVII e eram feitos para serem expostos de maneira oralizada pelos camponeses e os contos tinham o intuito de distrair uma comunidade aldeã.

Hoje os Contos de Fadas não abrangem somente o universo dos adultos e não tem só o intuito de divertir as pessoas, pois os contos também mostram para a criança a moral da história ou aconselham-nas para situações que irão passar ao decorrer de sua vida.

Este trabalho aborda a contribuição dos Contos de Fadas, em especial o conto Chapeuzinho Vermelho, na versão de Charles Perrault - por tratar-se da versão mais próxima à “original” - no imaginário das crianças e adultos. Apresenta os posicionamentos psicológicos de Bettelheim (2002) e Cardoso (1969).

Sobre os contos de fada, Cardoso aponta para uma visão castradora e prejudicial para o desenvolvimento das crianças e, Bettelheim, em perspectiva diferente e mais atualizada, acredita que os contos de fada estimulam o desenvolvimento intelectual e emocional do leitor infantil.

**Palavras-chave:** Conto de fadas, Literatura Infantil, Narrativa, Chapeuzinho Vermelho, Posicionamento Psicológico

## **ABSTRACT**

Fairytales appeared in the seventeenth century and were made to be told orally by peasants, with the objective to entertain the community.

In our days, fairytales comprise more than the adult universe and have gone beyond the aim to entertain, for they also show the children the moral of the stories, or gives them advice to face situations throughout their lives.

This paper looks at the contribution fairytales have made to children and adults' imagination, especially Charles Perrault's Little Red Riding Hood (chosen because it is closest to the "original"). It will also present Bettelheim (2002) and Cardoso's (1969) psychological positionings.

Regarding fairytales, Cardoso stresses their castrating vision, which he believes is a negative influence on children, and Bettelheim, from a different and more recent perspective, believes fairytales stimulate young readers' intellectual and emotional development.

**Key words:** Fairytales, Children's Literature, Narrative, Little Red Riding Hood, Psychological Positioning

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” pelo viés da análise do discurso de linha francesa; sua permanência no imaginário dos sujeitos; a forma pela qual o conto se constituiu como memória coletiva e as contribuições para a formação do sujeito.

No conto *Chapeuzinho Vermelho* não aparecem fadas, mas é uma narrativa maravilhosa, pois todos os eventos acontecem fora do nosso entendimento ou a ação é realizada em local vago ou indeterminado. Tais ações não obedecem às leis naturais que regem nosso planeta.

O conto de Fadas está ligado à noção do maravilhoso, que designa tudo que não é explicável pela razão, lógica, leis naturais e sim pelo lúdico, ou imagens de sonhos. Ele está totalmente ligado ao sobrenatural, ao feérico. É uma narrativa na qual intervêm seres do imaginário e acontecimentos inexplicáveis, sem que nem os leitores ou os próprios personagens

se surpreendam com isso. Trata-se do jogo do faz-de-conta.

Os contos de fadas surgiram no século XVII e eram feitos para serem expostos de maneira oralizada pelos camponeses e os contos tinham o intuito de distrair uma comunidade aldeã. Ditos em voz alta, eram antes de tudo destinados aos adultos, porque a maior parte não sabia ler e o processo de iniciação oferecido aos jovens, era oral.

Já no século XIX, temos o autor Charles Perrault que vai fazer registros dessa literatura, modificando as histórias, mas não alterando a sua essência. Entre elas a História de Chapeuzinho Vermelho, que é o objeto de análise deste trabalho. Uma das suas mais conhecidas obras foi a reunião dos relatos do povo, no célebre livro: “*Contos da Mamãe Gansa*”.

Logo em seguida, temos os irmãos Grimm, que retomam a mesma história de *Chapeuzinho Vermelho*, mas já havendo transformações, sem que haja alteração de sentido. Com o decorrer do tempo, os contos de fadas foram retomados e reescritos

de forma mais lúdica. Os Grimm encontraram expressão mais adequada para uma comunicação tocada pela emoção, suas histórias continuam a encantar e povoar o imaginário infantil.

Abordar-se-á a questão do medo nos contos de fadas sob a ótica de Ofélia Boisson que tem uma visão mais conservadora sobre esse tema. Ela aponta uma perspectiva castradora do mundo infantil e das histórias, pois ela acredita que os Contos de Fadas prejudicam o desenvolvimento das crianças, tornando-as medrosas e com neuroses, visto que as crianças internalizam os momentos negativos durante a narrativa. Em contrapartida temos o ponto de vista de Bruno Bettlheim que expõe uma visão totalmente diferente de Ofélia. Ele acredita que os contos ajudam a criança em diversos aspectos entre eles: despertar a curiosidade, estimular a imaginação e principalmente ajudam a desenvolver o intelecto e tornar claras suas emoções etc. Por meio deles é possível aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos e os Contos de Fadas auxiliam a criança a tomar a melhor decisão possível.

Hoje os Contos de Fadas não abrangem somente o universo dos adultos e não tem só o intuito de divertir as pessoas, pois os contos também mostram para a criança a moral da história ou aconselham-nas para situações que irão passar ao decorrer de sua vida.

## **1 CHAPEUZINHO VERMELHO – A VERSÃO DE CHARLES PERRAULT**

*“... só posso lhe dizer  
chapeuzinho agora traz  
um lobo na coleira”*  
Menescau e Boscoli

As adaptações das histórias de Chapeuzinho Vermelho servem para situar este conto tão antigo, do qual não se tem registro de autoria e que provavelmente fez parte de um conjunto de narrativas que se propagaram ao longo da Idade Média. Acredita-se que foram os camponeses da França, que a contavam em volta das fogueiras para seus filhos e familiares, e que a história ia passando de pai para filho, ao longo dos séculos, até que Charles Perrault resolveu adaptá-la para uma versão mais popular, uma das que conhecemos atualmente. Este conto é tão misterioso e envolvente que existem muitas

versões para ela, tantas que seria difícil enumerá-las.

Em relação ao conto, verifica-se que se trata de uma adaptação para linguagem escrita, porque antigamente as histórias eram repassadas por meio do relato oral e foi o francês Charles Perrault o primeiro a registrar estes relatos para a forma que hoje conhecemos. Mas depois dele, ocorreu um grande aparecimento de autores que transformaram o relato oral para o escrito. E os alemães Irmãos Grimm também fizeram sua adaptação da tradição oral do conto *Chapeuzinho Vermelho*, basicamente idêntico à versão de Charles a não ser por pequenos detalhes poucos relevantes, mas é na versão dos alemães que mais encontram-se as traduções, pois neste molde a menina e sua avó são salvas de dentro da barriga do lobo, coisa que não acontece na versão de Charles Perrault, pois o escritor termina com a morte da menina e da avó.

*“Havia, numa cidadezinha, uma menina que todos achavam muito bonita. A mãe era doida por ela e a avó mais ainda. Por isso, sua avó lhe mandou fazer um*

*pequeno capuz vermelho que ficava muito bem na menina. Por causa dele, ela ficou sendo chamada, em toda parte, de Chapeuzinho Vermelho.*

*Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela:*

*– Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e um potezinho de manteiga.*

*Chapeuzinho Vermelho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha.*

*Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.*

*O Lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele:*

*– Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe está mandando.*

*– Ela mora muito longe? – perguntou o Lobo.*

*– Oh! sim, – respondeu Chapeuzinho Vermelho. – É pra lá daquele moinho que você está*

vendo bem lá embaixo. É a primeira casa da cidadezinha.

– Pois bem, – disse o Lobo, – eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo pôs-se a correr com todo sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se a comer avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florzinhas que encontrava.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Bateu na porta: toc, toc.

– Quem está aí?

– É sua neta, Chapeuzinho Vermelho – disse o Lobo, mudando a voz. Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou pra você.

A bondosa avó, que estava na cama porque não passava muito bem, gritou:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu. Ele avançou sobre a pobre mulher e devorou-a num instante, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na

cama da avó. Ficou esperando Chapeuzinho Vermelho que, um pouco depois, bateu na porta: toc, toc.

– Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:

– É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta pra você e um potezinho de manteiga que minha mãe lhe mandou.

O Lobo gritou para ela, adocicando um pouco a voz:

– Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu.

O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta, e falou:

– Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural. Disse para ela:

– Minha avó, como você tem braços grandes!

– É pra te abraçar melhor,  
minha filha.

– Minha avó, como você tem  
pernas grandes!

– É pra correr melhor, minha  
menina.

– Minha avó, como você tem  
orelhas grandes!

– É pra escutar melhor,  
minha menina.

– Minha avó, como você tem  
olhos grandes!

– É pra ver melhor minha  
menina.

– Minha avó, como você tem  
dentes grandes!

– É pra te comer.

E dizendo estas palavras, o  
Lobo saltou pra cima de  
Chapeuzinho Vermelho e a  
devorou.

#### MORAL

Vimos que os jovens,  
Principalmente as moças,  
Lindas , elegantes e  
educadas,

Fazem muito mal em escutar  
Qualquer tipo de gente,  
Assim, não será de estranhar  
Que, por isso, o lobo as  
devore.

Eu digo o lobo porque todos  
os lobos

Não são do mesmo tipo.

Existe um que é manhoso

Macio, sem fel, sem furor.

Fazendo-se de íntimo, gentil  
e adulator,

Persegue as jovens moças

Até em suas casas e seus  
apostos.

Atenção, porém!

As que não sabem

Que esses lobos melosos

De todos eles são os mais  
perigosos.”

## 2 OFÉLIA BOISSON CARDOSO E O MEDO INFANTIL

*“...mas chapeuzinho ouviu  
os conselhos da vovó”*

Menescäu e Boscoli

A questão do medo segundo,  
Ofélia Boisson Cardoso (1969) na  
obra *“Fantasia, Violência e Medo na  
Literatura Infantil”* é um assunto  
muito importante, porque ela dedica  
três livros sobre este assunto. Na  
obra em que é analisada a  
atmosfera ameaçadora e cruel em  
que a maioria dos Contos de Fadas  
estão inseridos, conforme  
comprovam as pesquisas realizadas  
pela autora, os contos mágicos ou  
mais precisamente os de fadas  
colocam a criança em um ambiente

de ansiedade e angústia. É interessante perceber que já no século XX, o mundo atual leva as pessoas a uma tensão, que se traduz em violência, medo e angústia que saturam a atmosfera do século passado e que perdura até os atuais. Muitos indivíduos se inquietam com o rumo dos acontecimentos e temem por suas vidas. Este sentimento de medo em que vivemos inibe a energia criadora, transformando o coração humano num deserto estéril.

O medo está presente no coração das pessoas, que acabam transferindo esta bagagem negativa para as crianças através dos Contos de Fadas. E ao projetá-los, os apresentam aos pequenos, o crime, o homicídio, como algo natural e mais: como um acontecimento que em alguns casos é considerado como uma atitude plausível e frequente. O terror das ruas passaria a contaminar as ações perigosas dos contos infantis. A banalização da violência real poderia contaminar as narrativas maravilhosas. Para confirmar este pensamento o behaviorista John B. Watson afirma que o medo tem origem na infância.

Para Ofélia, a literatura infantil é uma ameaça à “vida feliz” das crianças. Ela afirma ainda, que o medo de ser destruído ou escravizado, não foi esquecido até hoje. Os contos para a infância estão cheios, nas palavras da autora, desse poder maléfico, opondo-se ao bem; e, embora a vitória seja sempre do bem, a criança, que os lê ou ouve, antes de chegar ao final, já passou por todas as torturas da expectativa e já compôs, em sua mente plástica, um cenário terrível, em que monstros e atitudes atuam poderosamente, ameaçando de mil maneiras diferentes a vida material e a paz de espírito das pessoas.

Como pode ser entendido, a visão de Ofélia Boisson Cardoso aponta para uma perspectiva castradora do mundo infantil e das histórias, pois ela acredita que os Contos de Fadas prejudicam o desenvolvimento das crianças, tornando-as medrosas e com neuroses, visto que as crianças internalizam os momentos negativos, inclusive acabam por induzi-las para o lado maléfico presente nesses relatos primordiais. Ofélia chega mesmo a afirmar que a criança orientada e se

desenvolvendo por meio dos contos de fadas, mostra-se indiferente ao sofrimento alheio e chegaria até não se comover com a extinção do próximo. Alerta em sua obra que uma simples leitura de um texto só, instigaria condutas anti-sociais naquelas crianças que já apresentassem uma personalidade duvidosa. Porém, a pesquisadora afirma que o conto não fará nascer nas que não tem, desvio de personalidade nem contribuiria para modificar uma criança má em boa. Para evidenciar esta questão, há uma citação de Ofélia:

*“A maldade está a indicar um desequilíbrio emocional ou uma perturbação do caráter. O conhecimento do bem não leva, necessariamente, a prática do bem, como queria Sócrates. É que as raízes do mal são profundas; é impossível extirpá-las com simples leituras, por melhores que sejam”.<sup>1</sup>*

Como os estudos sobre a psiquê humana abdicaram da ideia de que o mal habita em algumas pessoas e o bem em outras, opta-se por buscar o pensamento de Bruno Bettelheim que sob o prisma da psicanálise enfoca os Contos de Fadas no intuito de valorizá-los no repertório da infância.

A questão do medo não poderia ficar na obscuridade, visto que é um aspecto muito importante encontrado nos contos de fadas, porém mostrar-se-á que este não é mais um ponto de vista muito apontado hoje em dia.

Ofélia Boisson fez um estudo em que ela acredita que os Contos, Fábulas e Lendas da Literatura Infantil precisam ser revistos com urgência. Esta investigação feita por ela tem o objetivo de censurar ou até mesmo separar o que é nocivo ou prejudicial para as crianças. Indica que nos Contos de Fadas algumas narrativas podem ser alteradas, outras, porém tanto na forma quanto no conteúdo devem ser abolidas. Tratando-se da análise dos Contos Infantis a questão mais proeminente é *“Que utilidade tem os contos para a saúde mental da criança?”*<sup>2</sup>, este seria o principal foco da obra.

Quanto a este pensamento de Ofélia, percebe-se que não se pode generalizar e acabar censurando o irreal, o fantástico, pois não seria essa intenção, já que precisamos deles na mente humana. O

<sup>1</sup> Ofélia Boisson Cardoso. *Fantasia Violência e Medo na Literatura infantil*, p.184

<sup>2</sup> Ofélia Boisson Cardoso. *Fantasia Violência e Medo na Literatura infantil*, p.177

desdobramento desta postura nos dias de hoje, resulta numa atitude extremista de “depurar” cantigas infantis de possíveis violências, como por exemplo: “atirei o pau no gato”. Há de se crer que ao abdicar da tradição oral a favor de uma pasteurização da cultura popular, não estamos garantindo a proteção da criança da violência veiculada pela mídia, ou constatada na própria família.

Pode-se perceber que a questão do medo nos contos de fadas é extremamente significativa, visto que é necessário ter medo, para que possamos tomar alguns cuidados e fazermos a prevenção, e é importante que a criança aprenda isso. Todo sentimento de medo é de certa forma egoísta, porque você não sente medo pelas outras pessoas, e sim só por si próprio e esse resulta no final em uma última análise o medo da morte.

À medida que o espírito vai se desenvolvendo, a inteligência vai controlando a imaginação que passa a resolver certos problemas ao decorrer da vida. O imaginário pode se dar de duas formas para a criança: provoca perturbações porque ela tem o poder de criar e

destruir dentro do seu imaginário, cria no seu inconsciente, ações que nem sempre são positivas perante a sociedade, por exemplo: matar um personagem, dar vida a seres inanimados, este seria o aspecto de satisfazer as necessidades, no qual o irreal se torna real, onde tudo pode acontecer.

Partindo do princípio de que a mente da criança não cria imagens partindo do nada, ela se utiliza de materiais naturais de vivências e de realizações, mas ela o transforma de acordo com suas necessidades, pois o que era original escapa totalmente àqueles que não sabem.

#### Segundo Aristóteles:

*“Não podemos dispensar as imagens, ele utiliza sempre, pelo menos, palavras, imagens abstratas de idéias. A imaginação desempenha um papel importante em todos os domínios da vida”.*

Ofélia Boisson acredita que por meio dos contos de fadas, os adultos provocam o medo na criança e ele passa a dominá-la, fazendo dela futuramente uma pessoa covarde ou hipócrita. Chegando até a um sentimento de ódio, segundo os prognósticos da autora.

O educador também pode interferir na questão do medo, dando para criança uma outra visão dos Contos de Fadas.

Outro aspecto destacado por Ofélia diz respeito às crendices populares e superstições que segundo ela, perturbariam o espírito do homem. Com isso, é claro que as crianças sentem medo do desconhecido, mas ao superar o escuro da noite, o que estaria atrás da porta ou aquilo que lhe reserva ao sair na rua sozinha pela primeira vez, a criança adquiriria a coragem, pois o medo exercita a coragem que a fará na vida adulta enfrentar serena, outros bichos papões.

Segundo a autora as crianças seriam levadas pelas fantasias assustadoras que os adultos impõem por dois meios: por conversas de babás e empregadas ou até da própria mãe que acaba colocando medo na criança, quando quer que ela não faça algo, como *bruxas, bicho papão, lobisomem* etc, que constituem sempre, em motivo de temor. E as crianças, acreditariam nesses personagens imaginários e pensariam que esses seres fazem parte da realidade. O medo que emana das crianças

diante dessas personagens permanece ainda quando elas se tornam adultas, tirando muitas vezes a confiança pessoal ou a alegria de viver, esses transtornos acabam ficando para a vida adulta. O medo é um sentimento que brota e aumenta principalmente nos dias de hoje, é um dos maiores flagelos de nossa época, e é também o responsável pela falta de comunicação entre as pessoas, isto porque são confinadas em seu mundo pessoal.

Precisamos observar que o pensamento infantil é totalmente emocional, só depois ele passa a ser intelectualizado e lógico. Quando a criança está na idade dos três anos, ela ainda não adquiriu sua identidade, ela age totalmente por meio das emoções, sua lógica é emocional, diferente do adulto que tende agir pela razão. Pode-se inferir então, que só na idade adulta é que podemos entender nossa própria existência. Inclusive na idade pré-escolar, a criança é totalmente vulnerável e depende muito dos progenitores, quando ela chega perto dos seis anos, já se mostra mais segura e capaz de fazer críticas, não aceita com a

mesma inocência, o fantástico e passa a questioná-lo.

### **3 BRUNO BETTELHEIM E O DESENVILVIMENTO INFANTIL POR MEIO DOS CONTOS DE FADAS**

Para Bruno Bettelheim, os contos de fadas ajudam a criança a encontrar um significado para a vida e também a distrair, despertar a curiosidade, estimular a imaginação. Ajudam também a desenvolver seu intelecto, a tornar claras suas emoções e a instruir ao mesmo tempo. Por meio deles é possível aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos e os Contos de Fadas, auxiliam a busca de soluções corretas. A moral que existe nos contos, que aparece de forma sutil e implícita, ajuda à criança a colocar em ordem pensamentos desordenados que possam aparecer no decorrer da sua vida.

Segundo o Bruno Bettelheim,

*“Aplicando o modelo psicanalítico da personagem humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente, e à inconsciente [...] Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança,*

*estas histórias falam ao ego em germinação encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego”.*<sup>3</sup>

Esta citação evidencia exatamente a importância que Bruno dá aos contos de fadas e que se opõe às ideias de Ofélia em *Fantasia violência e medo na Literatura Infantil*. Segundo Bruno, os pais pensam que as crianças devem ser distraídas do que mais as perturbam: suas ansiedades, suas fantasias caóticas ou mesmo violentas.

Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança e que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas esta visão unilateral nutre a mente apenas de modo unilateral, e a vida real não é só agradável.

---

3 Bruno Bettelheim. *A psicanálise dos contos de fadas*, p.14

Podemos perceber com isso, que segundo Bruno as crianças precisam ter ciência da realidade em que vivem por mais dolorosas que possam parecer. Ofélia pensa o oposto. Um exemplo é quando é citado em seu livro que ela não concorda com os contos iniciados com a morte de um pai ou de uma mãe. Inferi-se, então, que os arquétipos da fantasia ajudam a suplementar as dificuldades da realidade.

Para Bettelheim, nenhum tipo de leitura é tão enriquecedora e satisfatória do que os contos de fadas, pois estas leituras ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e apresentam soluções em qualquer sociedade. Ou seja, a fantasia ajuda a formar a personalidade e por isso não pode faltar na educação.

*"A criança aumenta seu repertório de conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas", diz a terapeuta Mariúza Pregolato Tanouye, de São Paulo.<sup>4</sup>*

Os contos de fadas e as histórias infantis, em decorrência de sua estrutura simbólica implícita em enredos e personagens que atuam no nível inconsciente e desempenham um papel fundamental para a conduta humana, que o sujeito, seja ele criança ou adulto, dedica-se a elaborar no decorrer de seu desenvolvimento. Eles esclarecem inconscientemente os processos e conflitos internos que o sujeito vivencia de forma simbólica e impessoal, para que tenha a oportunidade de visualizar seus conflitos como um observador, auxiliando dessa forma, nas resoluções e promovendo o amadurecimento emocional e cognitivo.

Segundo Bettelheim, o conto de fadas é o espelho onde podemos nos reconhecer com problemas e propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação.

Os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. É

---

4 Revista Nova Escola: edição 185, set/2005 - [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0185/aberto/mt\\_90082.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0185/aberto/mt_90082.shtml) - acesso em 01/10/2013.

durante essa fase que surge a necessidade da criança em defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos.

É nesse sentido que a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc., facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. E estes são transmitidos por meio de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**“... dizer que não pra lobo  
que com lobo não sai só”**  
Menescau e Boscoli

A partir da análise do conto: *“Chapeuzinho Vermelho”* de Charles Perrault, pela ótica de dois importantes autores na área da Literatura Infantil: Bruno Bettelheim e Ofélia Boisson Cardoso foram impressas as linhas básicas das análises propostas neste trabalho. Sendo que o primeiro tem uma visão de que os contos infantis são importantes para as crianças por ajudarem a criar soluções para seus problemas, uma vez que ele alicerça sua teoria na psicanálise Junguiana. Já a segunda, acredita que os contos infantis são chocantes demais para as crianças e que não devem ser introduzidos na vida infantil, portanto a fantasia seria responsável pelo sofrimento das crianças.

Todos os elementos que foram identificados acerca da narrativa de *Chapeuzinho Vermelho* oferecem-se como instrumentos úteis para dimensionar a trajetória no sentido de demonstrar que o conto em questão é uma narrativa à prova de tempo, pode ser considerado como atemporal e que pode-se perpetuar através de gênios contemporâneos de nossa sociedade. A intenção não foi a de esgotar este assunto com o

presente estudo, mas mostrar que o conto está presente ao longo das

gerações e na formação de seus sujeitos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlete Caetano, 11ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

CARDOSO, Ofélia Boisson. *Fantasia, Violência e Medo na Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1969.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual*. SP, Brasiliense, 1992.

CHEVALIER, Jean e GHERBERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, 10ª ed., São Paulo, José Olímpio, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil-Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Ática, 1993.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e Conto Maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GRANDE dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho, 9ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Literatura – Infanto-Juvenil – Um Gênio Polêmico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

PERRAULT, Charles. *Contos da Mamãe Gansa*. Rio de Janeiro: Peraula, 1697.

PERRAULT, Charles. *Histórias ou Contos de Outrora*. Trad. Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2004.

SIMON, Ryad. *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. Coord. Clara Regina Rappaport, São Paulo: EPU, 1986.